

O MITO DE SÍSIFO: A DECISÃO DE VIVER OU SUPRIMIR A VIDA

MILENE FONTES DE MENEZES BISPO
Discente de Filosofia. Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
Bolsista do CNPq
myllahmenezes@gmail.com

ROBERTO SÁVIO ROSA
Docente do DFCH/Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)
savio@uesc.br

“Começar pensar é começar a ser
atormentado”

Albert Camus

RESUMO: No contexto vivido pelo homem contemporâneo encontram-se problemas aparentemente rotineiros que impulsionam o florescimento de questionamentos existenciais. A obra, *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus, nos coloca frente a frente com questões complexas como, por exemplo, o suicídio. Segundo Camus, o suicídio é o único problema filosófico. Muitos visualizam no suicídio somente uma maneira de conseguir o que almejam, a saber, extirpar o absurdo da existência. A morte passaria, então, a ser uma maneira de escapar ao absurdo, importando apenas a relação estabelecida entre o homem, no silêncio do seu coração, e o suicídio. No momento em que reflete se a vida merece ou não ser vivida, envolvendo-se com os devaneios do absurdo, o homem principia o diálogo com o suicídio enquanto perspectiva de consciência e esperança. Nesse momento, o mesmo se sente invadido e tomado por um sentimento de abandono e esvaziamento, que poderá interferir e influenciar sua vida. A complexidade da vida perante um mundo problemático que nos trás como garantia apenas a certeza da morte surge à consciência do homem. Na esperança, nos deparamos com outros caminhos. O suicídio parece trazer consigo a ilusão de liberdade. Acreditar que ao morrer estaremos livres da rotina, da irracionalidade e do absurdo é apenas uma possibilidade. De fato, a morte não finda com o absurdo existencial.

PALAVRAS CHAVE: Abandono. Absurdo. Existência. Morte. Suicídio.

1. Introdução

A contradição da existência humana é evidentemente o assunto mais inquietante, o qual atravessa séculos de estudos, tanto filosóficos quanto religiosos. Durante o período das duas grandes guerras e suas conseqüências pós-conflitos, refletiram na humanidade a angústia, a dor, o desespero e o medo, proporcionando mudanças dramáticas nas gerações que vivenciaram tais horrores.

Camus, incorporado ao espetáculo da vida, conhece a ambigüidade da existência humana. Presencia a desumanidade e o holocausto das duas grandes guerras. Ao escrever, o filósofo romancista envolve-se com a ética e com a moral, disserta acerca do “absurdo” e da “revolta”. É um amante da vida, mesmo ciente de suas contradições.

Os questionamentos levantados por Camus continuam atuais. O humano ainda padece em uma vida carente de valores que o leva ao isolamento. Na carência de uma alusão acerca do sentido da existência e da ação humana surge a constatação da consciência do absurdo.

O absurdo camusiano é caracterizado pela condição humana e o silêncio do mundo. O instante da falta de adequação do humano com o mundo é visto como uma paixão avassaladora; o questionamento vindouro é saber se somos obrigados a viver conscientes da absurdidade existencial ou se o suicídio é coerente com o absurdo.

19

2 Albert Camus: o romancista filósofo

O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois. Ele os adere um ao outro como só o ódio pode juntar os seres. (Camus, 2011, p.35)

O pensamento camusiano é merecedor de atenção, sua escrita e o exercício de reflexibilidade constituem parte integrante de sua vida. Nas obras de Camus percebemos como enuncia seu pensamento através da escrita, para tentar proporcionar sentido ao “sem-sentido” da existência humana. Ele não concebe apenas a atividade filosófica como expressão literária, ou a literatura como filosofia, mas ele tenta apagar a divisão existente entre ambas.

Segundo Camus todo filósofo romancista realiza uma junção íntima da experiência sensível com o pensamento, desta forma, proporciona uma representação integral através do pensamento por imagem. A proposta de Camus é demonstrar o vínculo entre a imagem e o pensamento por que ambos são concebidos simultaneamente; fazer distinção entre eles somente seria possível cogitando a filosofia em uma sentença sistemática e a literatura fechada em seu ato.

Para Camus aquele que elege as imagens para substituir o raciocínio, atua em uma coalizão secreta da experiência sensível, com o qual o pensamento concede uma expressão absoluta do pensamento em imagem. O romance filosófico não trás consigo a noção de conceitos por meio da literatura e não defende idéias. Possui valor artístico em suas palavras, sem que haja impedimento para a presença de alguma vertente filosófica.

Camus é um filósofo romancista, apesar de se intitular um artista, em suas obras tem por dedicação examinar o absurdo da condição humana. Fazendo uso da escrita literária, o autor ameniza as mazelas trazidas por seu objeto de estudo, as quais reduzem as expectativas humanas e seus planos à nada. Segundo Alves (2001, p. 26):

eu tinha um plano preciso quando comecei a minha obra: queria primeiramente exprimir a negação. Sob três formas: Romanesca: foi O estrangeiro. A dramática: Calígula, o mal entendido. Ideológica: O mito de Sísifo. Previra o positivo também sob três formas: Romanesca: A peste. Dramática: Estado de sítio e os justos. Ideológica: O homem revoltado.

A obra de Albert Camus é a expressão de um equilíbrio entre a paixão humana e aquilo que o artista exprime: o querer viver. É igualmente a recusa de uma lógica mecanicista e do determinismo, o reconhecimento da impossibilidade da completa transparência do mundo à racionalidade humana.

3 Absurdo

Todas as grandes ações e todos os grandes pensamentos têm um começo ridículo. Muitas vezes as grandes obras nascem da esquina de uma rua ou na porta giratória de um restaurante. Absurdo assim. (Camus, 2004, p.27)

Camus apresenta em suas obras a noção de absurdo, na qual o homem contemporâneo estabelece o problema da angústia, da solidão, do desamparo e do desespero como próprios da condição humana. Para Camus (1979, p. 110-111):

contudo, esse é um tema que se pode enunciar de maneira diferente e, por isso diante da limpidez branca e negra que, em minha opinião tem sido sempre a da verdade, gostaria de explicar-me com singeleza sobre esse absurdo que conheço bem mais para consentir que se disserte a seu respeito sem as devidas gradações.

A contradição se faz presente no absurdo camusiano. O filósofo revela essa característica nos protagonistas de seus livros, citando como exemplo: *Meursault*, de *O Estrangeiro*, personagem do absurdo, ele repudia as regras e convenções às quais, por ventura, viessem a privá-lo de sua liberdade. Entretanto, é sentenciado a perdê-la. Em seus personagens centrais do absurdo, Camus traz a dualidade da indiferença, ou seja, ao mesmo tempo em que desejam a presença de alguém, rejeitam-na, como fosse possível viver isolados e isentos de qualquer culpa.

Para Camus, a razão é impotente ante o clamor da alma por uma explicação totalitária. Para ele, nem mesmo a razão tem a capacidade de tirar as incertezas do homem, desta forma, o mesmo não alcançaria a felicidade neste mundo ao deparar-se com o absurdo. Diz Camus (1989, p. 86) que:

a questão, agora, não é dissertar sobre a moral. Vi pessoas agirem mal com muita moral. Todos os dias verifico que a honestidade não precisa de regras. Só existe uma moral para o homem absurdo pode admitir: a que não se separa de Deus e que se dita. Mas ele vive precisamente fora desse Deus. Quanto às outras morais (entendo também o imoralismo) o homem absurdo só vê nelas justificativas e não há nada a justificar. Parto aqui do princípio de sua inocência.

O homem absurdo não perdura sob os modelos da razão, a conduta humana é orientada pela experiência, embora, às vezes, o conduza para a irracionalidade. Portanto, para o filósofo, a moral não se limita às normas de conduta determinadas pela razão.

Mencionando o protagonista Meursault, como exemplo acerca da moral, a atitude do mesmo perante o momento do assassinato e o período o qual estava na prisão, o seu comportamento não deve ser sentenciado pelo crivo da razão e nem da lei. Camus afirma não ter inquietação com a quantidade de ocasiões que nos

levem ao encontro do absurdo, a sua preocupação consiste nas conseqüências as quais advêm do absurdo.

O absurdo, segundo o autor, é o surgimento do conflito humano e o silêncio voraz do mundo. O autor exemplifica o absurdo utilizando-se do *Mito de Sísifo*, que, diga-se de passagem, não é qualquer mito, mas o mito definitivo para que exista a compreensão da condição humana articulada com a questão do suicídio. Segundo Camus (1942, p. 161):

os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.

O absurdo é inefável, pois se houvesse uma forma de explicá-lo logicamente deixaria de ser absurdo. Não é um conceito abstrato, mas uma experiência vivida pelo humano em seu cotidiano. O homem pertence ao tempo e este, por sua vez, é o seu amigo e o seu inimigo. A contradição está presente quando planejamos o amanhã ou quando somos “surpreendidos” pela morte.

Não há possibilidade de separar o absurdo do nascimento da lucidez, pois a consciência da inocência de um olhar é capaz de captar o absurdo, ou seja, de fazer emergir o desejo por unidade e explicação para os questionamentos trazidos pela clareza da razão. O homem então passa a compreender o absurdo como algo único e inapreensível, assim esbarra com os “muros absurdos” que o circundam. É nessa busca por compreensão que ele sempre encontra o incompreensível. Segundo Camus (p. 26-27):

esse inapreensível sentimento do absurdo, quem sabe então possamos atingi-los nos mundos diferentes, porém irmanados, da inteligência, da arte de viver ou da arte pura e simples. O ambiente de absurdo está desde o começo. O final é o universo absurdo e a atitude de espírito que ilumina o mundo com uma luz que lhe é própria, para fazer resplandecer o rosto privilegiado e implacável que ela sabe reconhecer-lhe.

O humano deseja estabilidade e familiaridade, mas ele sempre estará envolto a questionamentos reflexivos acerca de sua existência, provocando dúvidas e incertezas, o que nos permite dizer ou ter plena certeza de que ele se deparou com o absurdo. Segundo Camus, viver é morrer a cada dia que se encerra. Mesmo

acreditando em um futuro: “mais tarde”, “quando você terminar o doutorado”, “trata-se de uma inseqüência admirável”.

Sabemos que a morte é algo natural e predestinação de todo humano. Mas o homem ainda busca razões que justifiquem a morte, pois, para ele, o perecimento é algo que desvela a sua inutilidade. Vivemos como se não soubéssemos que vamos morrer, e isso chega a ser patético, pois a morte é a certeza que temos na vida.

4 Morrer voluntariamente ou viver?

(...) há várias maneiras de suicidar-se, uma das quais é a doação total e o esquecimento da própria pessoa. (Camus, 2004, p.86)

Para Camus, o problema da filosofia é o suicídio. Demonstrando o problema, ele tenta explicar se o absurdo oferecendo condições de esquivar-se da vida ou do suicídio. O enfrentamento dessa questão e toda a sua complexidade nos proporcionam ter conhecimento, se a recusa da injustiça pode conviver com a afirmação da vida. A contradição fica evidente, pois faz uso de um raciocínio absurdo, o qual a contemplação possibilita o convívio da rejeição da injustiça e a afirmação da vida, que em si mesma é injusta, por trazer consigo a condenação à morte.

Camus, em “*O Mito de Sísifo*”, revela, que é decisivo o rompimento com as ações diárias, atitude considerada tal como acordar de um sonho mecanicista. O filósofo disserta acerca dos questionamentos essenciais e nos faz perceber, que tais questionamentos são responsáveis pela supressão ou pelo crescimento da paixão pelo viver.

A perceptibilidade do homem perante a sua existência pode levá-lo a repudiar a própria vida. Camus cuida da possibilidade de um vínculo entre o suicídio e o pensamento individual, alertando para as inúmeras casualidades de o humano cogitar a própria morte.

O raciocínio absurdo tem por convicção a nulidade da esperança e a insatisfação com a condição humana. Camus critica alguns filósofos como Chestov, Kierkegaard e Jaspers, que buscam alívio numa essência religiosa. Para Camus, o absurdo pode ser concebido tanto por uma inspiração religiosa, quanto por um

sistema racional, pois mesmo renegando o absurdo, seja em nome da razão ou em nome de Deus, todos têm o mesmo desejo final, a eternidade.

Camus acredita que os filósofos Kafka, Chestov, Kierkegaard, Jaspers, entre outros, incorreram no “suicídio filosófico”, ou seja, no instante em que incorporam o absurdo ao torná-lo divino, negam a descoberta filosófica. A divinização do absurdo acarreta na inexistência da parte humana; acabam-se os conflitos, as dúvidas e as inquietações acerca da vida, ou seja, o absurdo se encerra. Camus busca pela clareza dos pensamentos, mas não nega a existência de Deus, o qual, para ele, estaria além do limite da razão humana. O autor diz que “partindo do absurdo sobre os escombros da razão, num universo fechado e limitado ao humano, divinizam o que os esmaga e acham razões para esperar naquilo que os despoja” (CAMUS, 1942, p. 51).

A afirmação de Camus é que o suicídio seria a consequência lógica diante do absurdo, pois com o suicídio deixamos de ter expectativas para uma solução definitiva do absurdo. Camus afirma que ter um ponto de partida para determinar o momento que o homem decidiu pela morte é uma confissão de que ele foi superado pela vida. A existência é complexa, provoca no homem questionamentos que, muitas vezes, ficam sem respostas.

Segundo Camus, o suicídio é individual e imerso em peculiaridades de cada ser. A morte voluntária, ou seja, o suicídio demonstra o reconhecimento da falta de motivação para viver, mas o humano tem apego à vida, mesmo que ele esteja em um momento de crise, aflição ou até mesmo pela perda de um ente querido. Mesmo que o sofrimento pareça infundável a explicação para a afirmação do apego à vida, é confirmada por Camus no momento em que ele diz que “o juízo do corpo tem o mesmo valor que o do espírito e o corpo recua diante do aniquilamento”.

Para Camus, a ausência de significado da existência humana é na realidade um incentivo à vida, não o oposto. Perante essa perspectiva camusiana, o coerente é a manutenção da vida, mesmo que o confronto com o absurdo seja diário. Portanto, sem vida não existe absurdo. O homem que retira a própria vida foge e não enfrenta as suas responsabilidades, não encara o mundo e todas as suas possibilidades. Fica explícito que a postura de Camus perante a vida não é pessimista, pois ele afirma que a existência do absurdo depende dela. A

investigação do absurdo é o início para a negação do suicídio. Segundo Camus (2011, p. 16):

a última conclusão do raciocínio absurdo é, na verdade, a rejeição do suicídio e a manutenção desse confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo. O suicídio significaria o fim desse confronto, e o raciocínio absurdo considera que ele não poderia endossá-lo sem negar suas próprias premissas. Tal conclusão, segundo ele, uma fuga ou liberação. Mas fica claro que ao mesmo tempo, esse raciocínio admite a vida como único bem necessário porque permite justamente esse confronto, sem o qual a aposta não encontraria respaldo. Para dizer que a vida é absurda, a consciência precisa estar viva.

Na perspectiva do filósofo argelino, retirar de si a vida, nos revela o despreparo do humano perante as problemáticas da existência humana. Camus defende o confronto entre o homem e o mundo, desta forma, o absurdo será preservado. O argumento de Camus revela-nos que mesmo com a ausência de um sentido da existência, o suicídio simboliza a grande dúvida acerca do sentido da vida, sendo assim, ele não é uma solução, mas a representação do fracasso do existente que aniquila a própria vida.

5 Conclusão

A falta de sentido para a morte voluntária, não finda com a paixão pela vida. Camus afirma que o suicídio é arquitetado no coração do homem, em um momento de angústia ou em um momento de quietude com os pensamentos que mais o atormentam. Na obra *“O Mito de Sísifo”* Camus trata do suicídio como uma questão individual.

Para Camus o absurdo tem uma consequência lógica e o suicídio não faz parte dela. O filósofo romancista em seu ensaio *“O Mito de Sísifo”*, aponta a revolta como sendo uma resposta ao absurdo, por ela ser contrária a abdicação da vida. Para Camus o suicídio não supera o absurdo, ele somente destrói o homem.

A consciência do absurdo, não pode desistir do confronto entre o homem e o mundo, por ser a verdade única e este é o fator determinante para darmos continuidade a nossa vida.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1942.

_____. **O homem revoltado**. Lisboa: Livros do Brasil.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F Alves. Petrópolis: Vozes, 2006.

KIERKEGAARD, Søren. **O diário de um sedutor**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

_____. **O Conceito de Angústia**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. – Petrópolis, RJ: Vozes; 2011.

SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. São Paulo. Abril Cultural, 1973.

_____. **O que é Literatura**. São Paulo. 3º ed. Editora Afiliada, 2004.

Jaspers, Karl. **Psicologia de las concepciones del mundo**. Editora Gerdos S&A: Madrid, 1967.

_____. **Iniciação Filosófica**. Guimarães Editoria: Lisboa, 1961.

